

la Educación Latinoamericana será organizado por la Universidad Andina del Educador.

Ángela Aisenstein
Universidad de Buenos Aires

NOVAS FONTES E NOVOS OBJETOS PARA A PESQUISA HISTÓRICA,
OU NOTAS SOBRE O VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
DA CULTURA ESCRITA,
na Universidade de Alcalá, Henares, Espanha, 7 a 11 de julho de 2003

De 7 a 11 de julho de 2003 ocorreu o VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA, na Universidade de Alcalá, Henares, Espanha. Dentre as conferências, quatro foram proferidas por pesquisadores espanhóis, duas por franceses e um por italiano. Considerando o material publicado no livro de resumos, 30 das comunicações foram de autores espanhóis, 12 de italianos, 11 de brasileiros (embora tenham estado presentes e apresentado apenas seis pesquisadoras brasileiras), três franceses, dois mexicanos, dois belgas, um americano, um português e um inglês. As conferências e comunicações foram apresentadas em vários idiomas além do espanhol – francês, catalão, italiano e português. Os participantes eram originários de várias áreas de conhecimento, havendo historiadores, bibliotecários, filólogos, sociólogos, arquivistas, educadores, dentre outros.

Considerações quanto ao conteúdo e à contribuição acadêmica do evento:

A conferência inaugural foi proferida pelo professor Juan Ramon Romero do Arquivo Nacional de Madrid. O conferencista defendeu a tese de que a arquivística não é uma função meramente técnica, mas desempenha uma função tanto social como cultural. É um ofício que se adquire no trabalho, e se anteriormente a responsabilidade de conservação era de um restaurador ou químico, hoje o perfil deste profissional deve ser diferente, o de uma pessoa que sabe o significado daquilo que conserva. Para o conferencista a “conservação documental deve ser entendida como um conjunto complexo e integrado de técnicas e procedimentos, de qualquer natureza, que tem como finalidades garantir a durabilidade dos suportes documentais e a salvaguarda da informação neles contida. É portanto um modo integral e integrado de conservação sustentado no conhecimento empírico e na tecnologia”.

O conferencista trouxe interessante abordagem referente à custódia do documento. Destacou a importância de se reconhecer o itinerário do docu-

mento, como ele foi tratado, quais as intervenções que nele foram feitas, as quais condicionam sua expectativa de sobrevivência. Um outro aspecto importante é a análise da trajetória do documento, o que encaminha para uma arquivologia dos arquivos. Destaca o impacto das transferências de documentos e a importância de concentrar os arquivos, analisando como os critérios para a formação de fundos documentais podem interferir e descontextualizar os documentos. Por exemplo, as separações por formatos geram fundos com premissas fictícias, caso os documentos sejam, na origem, tanto pergaminhos como papéis, livros. Assim é muito importante considerar os critérios para a constituição dos fundos pois um mau procedimento pode romper a origem e articulação dos documentos e dos significados que comportam. Se não forem feitas memórias registrando as relações dos documentos entre si, corre-se o risco de provocar rupturas e organizações baseadas em critérios artificiais. Considera que a arquitetura é um dos fatores que geram movimentos nos arquivos.

Um outro elemento importante problematizado pelo conferencista foi o que descartar nos arquivos contemporâneos, como embasar a decisão de conservação? Como chegar ao valor histórico presumível dos documentos contemporâneos?

Conferência La difusión cultural em los archivos: experiencias prácticas y edición de materiales didácticos, de Riansares Serrano Morales, do Arquivo Histórico Provincial de Guadalajara. Na primeira parte da conferência destaca os arquivos como a memória das instituições e como testemunho de direitos e obrigações dos cidadãos, assim também, como espaços que favorecem o acesso a informações e à cultura, pela pluralidade de fontes escritas e imagens existentes nos mesmos. Destaca como os centros arquivísticos são atualmente chamados a realizar trabalhos de difusão cultural, de uma forma ativa e comprometida com os usuários. Defende que os arquivos sejam centros culturais, oferecendo ao público atividades novas, imaginativas e interessantes. A conferencista apresenta um modelo de atividade de difusão cultural: os serviços educativos. Apresenta como exemplo a experiência pedagógica de aproximação dos arquivos aos centros docentes desenvolvida na Comunidade Autónoma de Castilla-La Mancha, chamada “La casa de la Escritura”. A conferencista discorre acerca da utilização didática de tal arquivo para diferentes disciplinas do currículo e não apenas para História e Geografia. Destaca a importância da constituição de equipes de especialistas para elaborar o material didático referente adequado ao público infantil, o que é possível pela colaboração entre Centros de Formação de Professores e arquivos. Traz materiais didáticos, jogos e puzzles para demonstrar e ilustrar a apresentação.

Outra conferência foi sobre Santa Clara, pronunciada pela professora Maria Mar Graña Cid, da Espanha. Aos 350 anos da morte de Santa Clara há muito interesse em analisar sua contribuição pois ela é tida como a primeira mulher que escreve uma regra monástica para uma congregação feminina. Santa Clara morre em 1253, tendo obtido, três dias antes de sua morte a aprovação papal para sua regra monástica. A autora discorre que processos místicos estão associados ao desenvolvimento da escrita feminina, o que se dá nos séculos XIII e início do século XIV quando surgem muitas mulheres místicas as quais apresentam muitas escritas, ou seja, há um movimento religioso feminino pois no transcurso de 40 anos surgem seis textos normativos, regras. O primeiro documento normativo hoje conhecido e ainda preservado é o escrito por Santa Clara.

A seguir a conferencista discorre acerca do apoio mútuo desenvolvido entre Santa Clara e São Francisco. Santa Clara é 12 anos mais moça que São Francisco. Santa Clara é seduzida pelo projeto de São Francisco o qual não se preocupava com a escrita, mas com a pobreza, com o exemplo do Cristo pobre; a pobreza como forma de viver. Assim, Santa Clara, uma mulher culta e nobre – sabia ler, escrever, latim – vai em recolhimento com várias mulheres de sua família. Entretanto, o 4º Concílio de Latrão havia proibido de criar institutos religiosos sem que fossem aprovados pelo Papa. Embora as comunidades monásticas da época fossem hierarquizadas entre os alfabetizados e a baixa hierarquia, os não alfabetizados, Santa Clara não se preocupava com formação ou com o saber ler e sim com o seguir Cristo pobre. Isso impunha o domínio da oralidade e da memória sobre outras formas de transmissão. A conferencista associa liberdade feminina com oralidade, escuta e memória como formas de transmissão do saber, destacando o afã no ato de escutar a palavra predadora. Na época os homens não queriam as mulheres nas famílias pois podiam ser motivo de pecado do que decorre a pressão pela entrada de mulheres em conventos. Santa Clara nutre, autoriza, cura e dá a palavra, dá liberdade na geração de palavras. Esta associação entre palavra, fala e cura institui Santa Clara como a que faz milagres de enfermidades ligadas à garganta, cabeça, ouvidos, memória. A potência da palavra feminina de Santa Clara está ligada também a poder político. Por duas vezes a cidade de Assis estava por ser invadida e chamaram Santa Clara que enfrentou com a força de sua palavra e sua mística os invasores, prevenindo que tal ocorresse. A conferencista faz uma vinculação muito forte entre liberdade feminina e uso da palavra.

Flávia Obino Corrêa Werle
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS

RESENHA SOBRE O XXV ISCHE
(*International Standing Conference for the History of Education*)
São Paulo, 16 a 19 DE JULHO DE 2003

A vigésima quinta edição do ISCHE (International Standing Conference for the History of Education) realizou-se em São Paulo de 16 a 19 de julho de 2003 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, numa iniciativa conjunta da Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo e da Sociedade Brasileira de História da Educação. Tendo como membros da comissão organizadora os professores Cynthia Pereira de Sousa, Denice Barbara Catani, Jaime Cordeiro e Ana Waleska Mendonça, o encontro contou com trabalhos provenientes de vinte e seis países diferentes, reunindo cerca de duzentos e cinquenta pesquisadores, oriundos da África, da América Latina, dos Estados Unidos, da Europa, de Israel, da Austrália, da Malásia e de Taiwan. É importante salientar aqui que, pela primeira vez, o ISCHE foi promovido num país latino-americano graças à iniciativa e proposta do seu atual presidente – o professor António Nóvoa –, pois desde a sua primeira edição, em 1978, ele tem sido realizado, anualmente, em países europeus com exceção do encontro ocorrido em 1999 em Sidney, na Austrália. Vale ressaltar, também, o predomínio de comunicações do continente americano – da Argentina, do Chile, da Colômbia, dos Estados Unidos e do México e, sobretudo, do Brasil –, bem como a expressiva participação de Portugal, incluindo um número significativo de trabalhos em conjunto com investigadores brasileiros, evidenciando, desse modo, os resultados dos estudos comparativos que têm caracterizado a produção historiográfica dos dois países recentemente.

Com o tema *Escola e Modernidade: saberes, instituições e práticas*, o congresso propôs uma reflexão sobre a noção de modernidade nos estudos realizados no âmbito da história da educação, considerando – conforme esclarece a comissão organizadora na apresentação do *Caderno de Resumos* – tanto “o período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, em que se sistematizam propostas e modelos pedagógicos e em que se constroem novos modelos de escola, quanto os séculos XIX e XX, em que se vê ampliado o âmbito da escolarização e em que se implantam os sistemas públicos da educação”. Os trabalhos apresentados distribuíram-se de forma mais ou menos equitativa entre os três eixos temáticos sugeridos para o encontro – *A modernidade e os processos de institucionalização da escola*, *A circulação internacional de saberes e modelos pedagógicos* e *A escola como objeto histórico* – sendo possível notar, entretanto, uma maior incidência de propostas nos sub-eixos *Escola, Estado e cidadania* e *Práticas escolares e saberes pedagógicos*. Tal fato, segundo a comissão